

# EUCARISTIA, INTERCOMUNHÃO E DIÁLOGO ECUMÊNICO POR UMA ECLESIOLOGIA EUCARÍSTICA

## *EUCCHARISTY, INTERCOMMUNION AND ECUMENICAL DIALOGUE FOR AN EUCHARISTIC ECCLESIOLOGY*

---

*Pedro Alberto Kunrath\**

### **Resumo**

Fora de dúvida, o diálogo nem sempre se revela fácil e ágil, sobretudo pela dificuldade de individualizar os interlocutores. Todavia, esse mesmo diálogo mostrou-se, nos últimos anos, por parte da Igreja e das Igrejas, não mais estranho com o mundo moderno e os seus problemas, como também com as demais Comunidades cristãs e Religiões não cristãs, com espírito de compreensão e de comunhão, para tornar todos os homens participantes dos bens que provêm da mensagem de Cristo e da salvação que Ele trouxe à humanidade. Sacramento da piedade, sinal de unidade, vínculo da caridade é a Eucaristia. Porém, ao mesmo tempo, revela-se como sacramento de divisão, como também a própria Igreja dividida, obstáculo e escândalo para a evangelização. Tentativas de aproximação, vozes vindas do Oriente e do Ocidente cristãos tentam amenizar a situação, propondo uma Eclesiologia Eucarística à luz da mais genuína Eclesiologia de Comunhão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eucaristia. Eclesiologia Eucarística. Oriente e Ocidente cristãos. Comunhão.

### **Abstract**

*Beyond doubt, dialogue is not always easy and quick, especially regarding the difficulty in individualizing the interlocutors. However, this same dialogue has proved in recent years by the Church and churches, no more stranger to the modern world and its problems, but also to other Christian communities*

---

\* Doutor em Teologia. Professor e Coordenador do Curso de Teologia da PUCRS. <pkunrath@puers.br>.

*and non-Christian Religions, with a spirit of understanding and compassion, to make all men participants of the goods that come from the message of Christ and salvation He brought to humanity. Sacrament of piety, a sign of unity, the Eucharist is a bond of charity. But at the same time, it is the sacrament of division, as well as the Church itself divided, an obstacle and scandal to evangelism. Attempts of approach, voices from the Christian East and West try to mitigate the situation and propose an Eucharistic ecclesiology in light of the most genuine Ecclesiology of Communion.*

KEYWORDS: *Eucharist. Eucharistic ecclesiology. Christian East and West. Communion.*

## Introdução

“O Espírito Santo, que habita nos crentes, que enche e governa toda a Igreja, é quem realiza aquela maravilhosa comunhão dos fiéis e une todos intimamente em Cristo, de modo a ser o Princípio da unidade da Igreja” (UR 2). O objetivo do Ecumenismo é espiritual, mas deve gerar a comunhão e a solidariedade como sua meta principal, isto é, ao redor da mesa do Senhor partilhar do corpo e do sangue eucarístico de Cristo. Na celebração da Eucaristia, realiza-se a solidariedade no Corpo de Cristo, que é a Igreja, afirmada pela comunhão e a responsabilidade dos cristãos entre si e para com o mundo. Na responsabilidade dos cristãos por toda a *oikoumene*, devem realizar-se gestos concretos como a partilha do pão, do perdão, da paz, do amor fraterno. “Por essa cooperação todos os que creem em Cristo podem aprender de modo fácil como devem conhecer-se melhor mutuamente e estimar-se mais e como se abre o caminho para a unidade dos cristãos” (UR 12). Na comunhão e na solidariedade com todos os discípulos de Cristo, a Igreja funda, sobre o desígnio de Deus Pai, o seu compromisso ecumênico de reunir e congregar a todos numa verdadeira unidade, para que todos sejam um (cf. *Jo* 17, 21).

Diante da grandeza do mistério da Eucaristia, o Catecismo da Igreja Católica, depois de haver recordado o texto de Agostinho – *O sacramentum pietatis, o sigum unitatis, o vinculum caritatis* –<sup>1</sup> exclama: “Quanto mais dolorosas se fazem sentir as divisões da Igreja que rompem (impedem) a participação comum à mesa do Senhor, tanto mais prementes são as orações ao Senhor para que voltem os dias da unidade completa de todos os que nele creem” (n. 1398). Este paradoxo,

<sup>1</sup> AGOSTINHO. *Ev. Jo* 26, 6, 13; cf. *SC* 47.

a Eucaristia, fonte de unidade e sinal atual de divisão, nos introduz no tema do diálogo ecumênico em torno à Eucaristia.

## 1 Diálogos teológicos<sup>2</sup>

Pode-se constatar que, no campo ecumênico, existe um diálogo em duas direções: o diálogo da caridade e o diálogo da verdade. O diálogo da caridade teve início oficial no Concílio Vaticano II, com o convite feito aos não católicos (romanos) a serem observadores nas sessões conciliares. No que diz respeito, por exemplo, às relações entre a Igreja Católica Romana e as Igrejas Ortodoxas, pode-se recordar a importante publicação do *Tomos Agapis*, de 1971, que recolhe a documentação decorrida dos anos de 1958 a 1970 entre a Santa Sé e o Fanar.<sup>3</sup> Este diálogo da caridade consiste no conhecimento, na comunicação, no respeito, na amizade, no recíproco acolhimento, na superação dos preconceitos mútuos de natureza cultural, social, psicológica e histórica. É um diálogo que conforta e encoraja, pelas edificantes manifestações de reconciliação e de estima recíproca.

De modo diverso ao diálogo da caridade, o diálogo da verdade procede mais lentamente e com bastante dificuldade. Este diálogo não pode ser genérico, mas bilateral: um é o diálogo com as antigas Igrejas Orientais, outro é o diálogo com as Igrejas Ortodoxas e outro ainda com as comunidades da Reforma. O diálogo da verdade requer um conhecimento profundo do outro, da sua história, da sua teologia e da sua liturgia. E frequentemente não faltam dificuldades contingentes que dificultam muito o caminho da unidade. O diálogo ecumênico da verdade não pode ser conduzido com superficialidade, mas com cuidado e atenção e muita sensibilidade. A este propósito pode-se celebrar com louvor o diálogo católico-luterano, na Declaração conjunta sobre a doutrina da Justificação de 31 de outubro de 1999, como exemplo de precisão de linguagem e de conteúdo. Mesmo assim, fala-se hoje em um “inverno ecumênico”<sup>4</sup> e que torna, da parte católica, mais árduo

<sup>2</sup> Todos os documentos de diálogo ecumênico encontram-se na edição complexiva: *Enchiridion Oecumenicum*, Bologna: Edizioni Dehoniane, I, 1986; II, 1988 ss; condensados vol. 1-5, 1994-2001. Para uma exposição e um balanço, cf. B. SESBOÛÉ, *Pour une théologie oecuménique*, Paris: Cerf, 1990, p. 189-243.

<sup>3</sup> *Tomos Agapis*. Vatican-Phanar (1958-1970). Roma-Istambul, 1971. São 284 documentos que testemunham a vontade de unidade e de comunhão no mistério de Cristo da parte dos católicos romanos e dos ortodoxos.

<sup>4</sup> Cf. Os problemas do ecumenismo. In: *Credere oggi* (27), 2007, n. 160.

o diálogo ecumênico, que tem como finalidade a unidade de todos os cristãos na única Igreja de Cristo e concretamente “a comunhão na doutrina dos Apóstolos, nos sacramentos e na ordem hierárquica” (cf. João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, n. 35).

Embora sendo a Eucaristia o sinal e a causa da unidade, o mistério eucarístico é hoje a manifestação concreta da divisão dos cristãos, pelo simples fato de nem todos eles poderem participar na única e mesma Eucaristia. Diversos fatores comprometem esta dolorosa realidade. A não possibilidade atual de comungar do mesmo cálice, na mesma Eucaristia, entre católicos e ortodoxos, vem do fato de que, embora tendo a mesma fé eucarística, aquela fé indivisa do primeiro milênio da Igreja, diversas são hoje as concepções no que diz respeito à própria Igreja e à sua constituição. A profunda ligação entre Igreja e Eucaristia, manifestação da unidade na fé e na vida e comunhão na mesma Eucaristia, impedem hoje uma recíproca comunhão eucarística e conduzem fortemente à procura de uma unidade que possibilite compartilhar o mesmo altar e o mesmo cálice (cf. *UR* 15; 22).

Além das divergências no campo eclesiológico, com outras Confissões cristãs, por diversos motivos, somos diferentes e divergentes na fé eucarística. Para algumas Igrejas, trata-se de uma diferente concepção do ministério ordenado e da sua necessidade para a válida celebração do mistério eucarístico. Somente na sucessão apostólica e no ministério sacerdotal se tem uma válida Eucaristia, segundo a doutrina da Igreja Católica Romana. Além disso, nas Confissões saídas da Reforma e também na Comunhão Anglicana não se tem uma clara afirmação da realidade da Eucaristia e do seu sentido sacrificial, como são vistas e cridas pela Igreja Católica e Ortodoxa, não obstante as recentes tentativas de aproximação às posições doutrinárias da Igreja Católica.

Como motivo de louvor, nas últimas décadas do findo século XX e no início do século XXI, foram feitos notáveis esforços nas Igrejas para uma melhor compreensão e formulação da fé eucarística, seja da parte de autores individualmente, seja da parte de grupos de diálogo oficial em nível de Igrejas, seja em documentos de grupos interconfessionais mais ou menos oficiais. No campo das Igrejas da Reforma, é necessário dar atenção ao esforço cumprido por parte de alguns autores por uma plena recuperação da doutrina eucarística tradicional da Igreja primitiva em nível bíblico, patrístico, litúrgico e teológico.

No campo do diálogo oficial com os diversos grupos, Igrejas e comunidades cristãs, é notável o esforço cumprido pela Comissão

oficial mista anglicano-católica sobre a Eucaristia (ARCIC), com uma expressiva aproximação sobre o tema da presença real, da transubstanciação e do sacrifício-memorial. Mas o último juízo da Igreja Católica coloca “em cheque” que ainda nem todas as dúvidas desapareceram. Entre os autores protestantes, que muito têm contribuído, para uma melhor compreensão da Eucaristia, podem citar-se, em particular, J. Jeremias, J.J. von Allmen, Max Thurian (antes de tornar-se católico), J. de Wateville. Outros diálogos sobre o argumento são aqueles entre católicos e protestantes da área centro-europeia recolhidos em 1971 no Documento de Dombes e publicados sob o interrogativo título *Para uma mesma fé eucarística?*<sup>5</sup> Nos Estados Unidos apareceram diversos documentos de diálogo sobre a Eucaristia entre católicos e luteranos. E o último fruto de diálogo intereclesial promovido pelo Conselho Mundial de Igrejas é a formulação da doutrina bíblica e teológica sobre Eucaristia no documento de Lima, de 1982, *Batismo, Eucaristia e Ministério* (BEM).

Não obstante as convergências, ao menos verbais, na síntese bíblica sobre Eucaristia e na linguagem litúrgica da celebração, notáveis divergências separam ainda as Igrejas da Reforma, na interpretação e na compreensão da presença real e do sacrifício eucarístico, das posições da Igreja Católica Romana e das Igrejas Ortodoxas. Divergências que criam dissabores e que colocam o problema teológico de uma fé que, embora sendo proposta com idênticas fórmulas verbais, permanece diferente na afirmação dos conteúdos dessa fé e na dimensão real do fato da presença e do sacrifício eucarístico. Estas diferenças ainda são agravadas pelo fato de não encontrarem uma convergência doutrinária sobre o tema do ministério ordenado, sobre o conteúdo da sucessão apostólica e sobre a constituição hierárquica da Igreja.

## 2 Intercomunhão eucarística

Nessas condições de diálogo ecumênico, a participação comum na Eucaristia, por muitos desejada como sinal de unidade, é possível somente em certas situações que atingem indivíduos particulares e não as comunidades eclesiais como tais, segundo as posições oficiais das diversas Igrejas. Enquanto a participação comum na Eucaristia e a mesma “concelebração” da Ceia são comumente admitidas entre as

---

<sup>5</sup> Cf. Taizè, 1972.

confissões protestantes,<sup>6</sup> também compreendida a Comunhão Anglicana, a Igreja Católica Romana e, especialmente, as Igrejas Ortodoxas estão ancoradas sobre posições mais rígidas, isto é, de absoluta negação de um tal modo de celebrar a Eucaristia com ministros de outras Igrejas e também entre ortodoxos e católicos.

A Igreja Ortodoxa tem repetido também recentemente a oposição à hospitalidade eucarística para cristãos em particular de outras confissões, compreendidos os católicos. O próprio Patriarcado ortodoxo de Moscou, que havia concedido a “reciprocidade” da comunhão eucarística para com a Igreja Católica, no caso os fiéis católicos desejassem aproximar-se da comunhão eucarística, voltou às suas posições rígidas de absoluta negação.

A Igreja Católica proíbe aos seus membros a participação eucarística mediante a comunhão nas outras Igrejas. Somente em caso de necessidade autoriza os próprios fiéis a procurarem a Eucaristia nas Igrejas nas quais esta é retida como válida, isto é, praticamente nas Igrejas Ortodoxas. Por sua vez, em casos de necessidade, admite à comunhão eucarística os fiéis das Igrejas Orientais que não possuem comunhão com a Igreja Católica, embora “o peçam espontaneamente e estejam bem dispostos”; “isto vale para os membros das outras Igrejas as quais a juízo da Sé Apostólica, relativo aos sacramentos em questão (nesse caso, a Eucaristia), se encontrem na mesma condição das Igrejas Orientais”.<sup>7</sup> Os outros cristãos, ao invés, a juízo do Bispo ou da Conferência Episcopal, podem receber, em determinados casos de necessidade, a Eucaristia na condição de que manifestem a fé católica acerca do mistério eucarístico e estejam bem dispostos.<sup>8</sup> *O Catecismo da Igreja*

<sup>6</sup> *A Concordata de Leuenberg*, em 1973, na Suíça; cf. J. NAVARRO BOSCH. Leuenberg. In: *Dicionário de Ecumenismo*. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2002, p. 205-206.

<sup>7</sup> Cf. Código de Direito Canônico, *cânon* 844; Código de Direito Canônico Oriental, *cânon* 671 e 702.

<sup>8</sup> Para responder a essa questão que possa tornar mais clara a posição da Igreja Católica Romana em relação a esta difícil e delicada situação, sirvo-me do *Guia Ecumênico*, da coleção Estudos da CNBB, n. 21. Com a expressão “*comunicação nas coisas sagradas*”, termo técnico e tradicional, costuma-se designar a participação de fiéis de diversas confissões cristãs na celebração dos sacramentos ou em outras ações litúrgicas propriamente ditas. No caso acima referido, trata-se diretamente o que em termos de Ecumenismo se chama de ‘intercomunhão’, ou seja, a participação na mesma mesa eucarística de fiéis de diferentes confissões cristãs. São três os casos previstos: 1º – a intercomunhão propriamente dita, na qual duas ou mais Igrejas ou Comunidades Eclesiais admitem de maneira oficial e recíproca, os fiéis de todas elas a participarem plenamente na celebração da Ceia do Senhor;

*Católica*, em síntese, recorda a posição da Igreja em respeito à intercomunhão.<sup>9</sup>

2º – a comunhão aberta, em caráter geral, ou seja, o caso em que uma Igreja admite, sem exigir reciprocidade, os membros de uma ou de várias Igrejas nas próprias celebrações eucarísticas, em caráter geral e habitual;

3º – a comunhão aberta restrita, em que é dada a comunhão a indivíduos, membros de uma outra Igreja, em determinadas circunstâncias e sob certas condições. Pode-se dizer que este é o único caso expressamente previsto na legislação canônica católica.

O problema da intercomunhão ocupa um lugar central no movimento ecumênico. De fato, a Eucaristia é, simultaneamente, fonte e sinal da unidade da Igreja. Porém, a diversa compreensão da fé levanta alguns obstáculos, pois a doutrina da Igreja Católica Romana, à qual ela se sente obrigada em virtude de sua fidelidade ao Evangelho, não coincide com a das comunidades originárias da Reforma, em três pontos fundamentais:

1º – o modo e a permanência da presença de Cristo na Eucaristia;

2º – o caráter sacrificial da mesma e de sua relação com o sacrifício de Cristo;

3º – o papel do ministro ordenado na celebração eucarística e o modo como se dá sua inserção na linha da sucessão apostólica.

Em 1º de junho de 1972, o Secretariado para a unidade dos cristãos publicou uma Instrução Pastoral, regulando a admissão de outros cristãos à comunidade eucarística na Igreja Católica Romana, a saber, salvaguardando ao mesmo tempo duas exigências: a integridade da comunhão eclesial e a do bem das almas. Quanto ao bem das almas, a admissão à Eucaristia deve ser concedida somente em casos particulares a cristãos que manifestem uma fé conforme a que professa a Igreja Católica Romana acerca deste sacramento; sintam uma verdadeira necessidade espiritual do alimento eucarístico, mas não podem recorrer ao ministro da própria comunidade eclesial, durante um período prolongado e, por isso, espontaneamente, pedem este sacramento e encontram-se convenientemente preparados para recebê-lo e tenham uma conduta digna de cristão. Esta necessidade deve ser entendida no sentido de uma necessidade de crescimento na vida espiritual e necessidade de uma inserção mais profunda no mistério da Igreja e da sua unidade. Por esse motivo, o Diretório Ecumênico não autoriza esta admissão a não ser em casos bastante raros, definidos como *de urgente necessidade* que deverão ser fixados pelo Bispo do lugar, considerando as circunstâncias de um caso particular e de decidir com acerto o modo como se deverá agir.

<sup>9</sup> “As Igrejas Orientais que não estão em comunhão plena com a Igreja Católica celebram a Eucaristia com um grande amor. ‘Essas Igrejas’, embora separadas, têm verdadeiros sacramentos – principalmente, em virtude da sucessão apostólica, o sacerdócio e a Eucaristia –, que as unem intimamente a nós (cf. UR 15). Por isso uma certa comunhão *in sacris* na Eucaristia é ‘não somente possível, mas até aconselhável, em circunstâncias favoráveis e com a aprovação da autoridade eclesiástica’ (UR 15; cf. CIC, *cânon* 844, parágrafo 3), n. 1399.

“As comunidades eclesiais oriundas da Reforma, separadas da Igreja Católica, ‘em razão sobretudo da ausência do sacramento da Ordem, não conservaram a substância própria e integral do mistério eucarístico’ (UR 22). É por este motivo que a intercomunhão eucarística com essas comunidades não é possível para a Igreja Católica. Todavia, essas comunidades eclesiais, ‘quando fazem memória, na Santa

A Eucaristia permanece assim no próprio centro da unidade da Igreja como condenação das divisões no Corpo de Cristo e como estímulo da procura daquela unidade “católica”, plena e perfeita, na fé e na vida, vivida pela Igreja nos primeiros dez séculos (Igreja indivisa) da sua existência, mesmo com as imperfeições daquele tempo. Renunciar a estas tensões para com a unidade plena, ultrapassando as etapas de uma paciente procura da verdade e do amor, seria renunciar ao sentido próprio e pleno da Eucaristia como causa e sinal da plenitude da unidade eclesial segundo a vontade de Cristo.

### 3 Eclesiologia eucarística

Existe ainda uma questão teológica importante à qual não se pode deixar de fazer alusão: a Eclesiologia eucarística. Trata-se de um tema importante sobre o qual se alcançou um certo entendimento entre católicos e ortodoxos, com o Documento de München, de 1982 (cf. nota bibliográfica 20). Todavia, as posições são muito diversificadas devido à diferente eclesiologia católica e ortodoxa: a primeira fundada sobre a comunhão em torno ao primado de Pedro e a segunda fundada em torno ao princípio episcopal e na comunhão entre as Igrejas em nível episcopal.

Para a Igreja Católica Romana, a Eclesiologia Eucarística supõe, ao mesmo tempo, a plenitude da Eucaristia e a plenitude do ser o Corpo do Senhor na Igreja Católica na qual “subsiste” a Igreja de Cristo (cf. *LG* 8). A Eucaristia faz a Igreja na sua unidade hierárquica e, portanto, na comunhão com o Papa e os Bispos:<sup>10</sup> “Toda válida celebração da Eucaristia exprime a universal comunhão com Pedro (isto é, o Papa) e com toda a Igreja, como objetivamente a requer, como no caso das Igrejas cristãs separadas de Roma”.<sup>11</sup> Diversa é a posição da Igreja

---

Ceia, da morte e ressurreição do Senhor, professam que a vida consiste na comunhão com Cristo e esperam sua volta gloriosa<sup>7</sup> (UR 22), n. 1400.

“Quando urge uma necessidade grave, a critério do ordinário, os ministros católicos podem dar os sacramentos (Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos) aos outros cristãos que não estão em plena comunhão com a Igreja Católica, mas que os pedem espontaneamente: é preciso então que manifestem a fé católica no tocante a esses sacramentos e que apresentem as disposições exigidas”, n. 1401.

<sup>10</sup> Aqui pode ser visto o Documento da Congregação da Doutrina da Fé *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão (Communio notio)*, de 28 de maio de 1992.

<sup>11</sup> Cf. o documento acima, n. 14.

Ortodoxa e, de modo especial, em alguns teólogos como N. Afanasiev<sup>12</sup> e J. Zizioulas.<sup>13</sup>

#### 4 A Eclesiologia eucarística e sua recepção no Oriente e Ocidente cristão

Nicolás Afanasiev (1893-1966), teólogo ortodoxo, de origem russa, que fora professor do Instituto São Sérgio de Paris e um dos observadores da Igreja Ortodoxa nas últimas sessões do Concílio Vaticano II (1965), é considerado o pai da denominada *Eclesiologia eucarística*. Em Afanasiev, a sua memória perdura em seu modo de aproximar-se do mistério da Igreja de Deus em Cristo, concretamente a partir do estudo, na Eclesiologia, da imagem paulina do Corpo de Cristo encontrado em inúmeros textos do apóstolo no Novo Testamento (*Rm* 12, 3-8; *I Cor* 1,13; 6, 15-20; 10,17; 12, 12-27; *Ef* 1, 22-23; 2, 16; 4, 4-6.15-16; 5, 30; *Cl* 1, 18.24; 3,15) e na concepção dos Santos Padres do vínculo essencial entre Cristo e a Igreja *Catholica*, como também dos cristãos, que desde o princípio se reuniam “para a mesma finalidade” e “em um mesmo lugar” (*At* 1,15; 2, 1.47; *I Cor* 11, 20; 14, 23), assim como da análise de alguns escritos cristãos antigos.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> O pensamento de Afanasiev está no sentido da Eclesiologia eucarística que funda a Igreja local em torno ao Bispo. Fundamental é a sua obra *L'Église de l'Esprit-Saint*. Paris: Cerf, 1975.

<sup>13</sup> Mais aberto e articulado é o pensamento do máximo representante atual da Eclesiologia ortodoxa, especialmente no seu estudo fundamental em grego, *L'unità della chiesa nella divina eucaristia e nel vescovo nei primi tre secoli*, Atene, 1965, com uma reimpressão em 1990; ou ainda, *L'ètre ecclesiale*, Genève, 1981. Uma síntese do pensamento de Zizioulas com caráter ecumênico com outros contributos de J-M. Tillard, J.J. von Allmen e o próprio Zizioulas, então ainda leigo: AA.VV., *L'Eucharistie*, Paris: Mame, 1970. Para uma visão do problema e do pensamento de Zizioulas, cf. Y. SPITERIS, *La teologia ortodossa neo-greca*, Bologna: Edizioni Dehoniane, 1992, p. 373-416.; P. Mc-PATLAN, *The Eucharist makes the Church. Henri de Lubac and John Zizioulas in dialogue*, Edimburgh, T&T Clark, 1993; J. FONTBONA i MISSE, *Comuniòn y sinodalidad. La eclesiología eucarística después de N. Afanasiev en I. Zizioulas y J. M. R. Tillard*, Barcelona: Herder, 1994; cf. La eclesiología eucarística em Oriente y Occidente. In: *Phase* 35 (1995), p. 209-217.

<sup>14</sup> Além da bibliografia dos autores em estudo que citaremos no decorrer do texto, consideramos: J.FONTBONA I MISSÉ, *Comuniòn y Sinodalidad*. La eclesiología eucarística después de N. Afanasiev en I. Zizioulas y J.M.R. Tillard, Dissertatio ad Doctoratum in Facultate Theologiae Pontificiae Universitatis Gregoriana, Roma, 1994; H. LEGRAND, J. MANZANARES, A. GARCÍA Y GARCÍA (org.), *Iglesias locales y catolicidad*. Actas del coloquio Internacional celebrado en Salamanca, 27 de abril de 1991, Salamanca, 1992; B. FORTE, *La Chiesa nell'Eucaristia. Per una*

O seu grande legado tem a sua raiz na sua intuição teológica e na sua insistência na união essencial entre Eucaristia (corpo sacramental ou *místico* de Cristo) e a Igreja. A sua visão eucarística da Igreja se baseia em *I Cor* 10, 16-17 e a visão eclesiológica da Eucaristia em Inácio de Antioquia, concretamente “*onde está Cristo, ali a Igreja é católica*”.<sup>15</sup> Jesus Cristo está presente na Eucaristia e na Igreja; portanto, a assembleia eucarística é a manifestação visível da Igreja Católica; ou seja, propõe e desenvolve uma teologia da Igreja como Eucaristia,<sup>16</sup> oferecendo uma teologia da Igreja local,<sup>17</sup> que encontrou uma ampla ressonância ecumênica. Esta visão eclesiológica da Eucaristia deixou sua marca no Concílio Vaticano II (cf. *LG* 26);<sup>18</sup> também no documento ecumênico da Comissão Teológica “Fé e Constituição,” do Conselho Mundial de Igrejas, conhecido como o texto *BEM* (Batismo-Eucaristia-Ministério), de Lima em 1982;<sup>19</sup> e nos documentos da Comissão mista internacional para o diálogo teológico entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa.<sup>20</sup>

---

*ecclesiologia eucaristica alla luce del Vaticano II*, Napoli, 1975; P.A. KUNRATH, *Trindade-Eucaristia-Igreja*. O Mistério da Comunhão nos escritos de Max Thurian e Jean-Marie Roger Tillard (Excerpta ex Dissertatione ad Doctoratum in Facultate Theologiae apud Pontificiam Universitatem Gregorianam), Roma, 1999.

<sup>15</sup> INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Ad Smyrn* 8, 2.

<sup>16</sup> Cf. E. BALDUCCI, *La Chiesa come eucaristia*. Saggi sulla Chiesa locale, Brescia, 1971 (2ª ed.), nota 10, p. 81-82; Afanasiev é talvez o mais competente entre os teólogos que propuseram e desenvolveram a teologia da Igreja como Eucaristia.

<sup>17</sup> Cf. A. MAFFEIS, *La Chiesa locale e l'Eucaristia*. L'eclesiologia eucaristica nella teologia ortodossa contemporanea. In: *La parrocchia come Chiesa locale*, Brescia, 1993, p. 151.

<sup>18</sup> A. TOURNEUX, *L'Évêque, l'Eucharistie et l'Église locale dans LG 26*. In: *Ephemerides theologicae Lovanienses* 64 (1988), p. 106-141.

<sup>19</sup> G. WAINWRIGHT, *Le document de Lima dans l'histoire de Foi et Constitution*. In: *La Maison Dieu* 163 (1985), p. 7-28; M. THURIAN, *Battesimo, Eucaristia, Ministero*. Una tappa importante del cammino ecumenico. In *Rivista del Clero Italiano* 65 (1984), p. 825-831; 66 (1985), p. 25-32.

<sup>20</sup> Os três documentos mais importantes do diálogo teológico católico romano e ortodoxo são: *Il Mistero della Chiesa e dell'Eucaristia alla luce del mistero della Santa Trinità*, Monaco (30.06-06.07.1982). In: *Il Regno-documenti* 27 (1982), p. 542-545; *Fede, sacramenti e unità della Chiesa*, (Bari, 16.07.1987). In: *Il Regno-documenti* 32 (1987), p. 537-540; *El sacramento del orden en la estructura sacramental de la Iglesia*, (Valamo, 1988). In: *Cuadernos Phase* 26 (1991), p. 69-79; cf. E. LANNE, *Aspects ecclésiologiques du dialogue théologique mené par la Commission mixte internationale catholique-orthodoxe*. In: *Nicolaus* 19 (1992), p. 179-189.

### **3.2 *As intuições de Afanasiev acolhidas na Teologia do Oriente e do Ocidente***

Existe um vínculo de comunhão essencial entre a Eucaristia e a Igreja: o sentido do termo neotestamentário “em um mesmo lugar” se desvela. Todos os fiéis de uma cidade estão juntos, reunidos pelo Espírito Santo, em um mesmo lugar para celebrar a Eucaristia. Todos constituem uma comunidade sacerdotal (cf. *1 Pe* 2, 5.9; *Rm* 12, 1; *Ap* 1, 6; 5, 10; 20, 6), uma comunhão horizontal entre todos os fiéis e vertical de todos os fiéis com a Trindade (cf. *1 Jo* 1, 3).

O dia de Pentecostes manifesta o nascimento da Igreja como Igreja de Deus e ao mesmo tempo de um lugar determinado: Jerusalém. Com isso se destaca que, se por um lado, não existe uma identidade entre Igreja local e Igreja de Deus, por outro lado, em cada Igreja local está toda a Igreja de Deus. Esta mútua reciprocidade e interação comunitária (e não prioridade de uma sobre a outra) define a relação e o vínculo essencial entre as diversas Igrejas locais e a única Igreja de Deus, que aparece como comunhão de Igrejas, comunhão de comunhões, como veremos mais adiante (cf. *LG* 23), na fórmula “nas quais” e “pelas quais” existe a Igreja Católica una e única.

A Eucaristia é a manifestação por excelência da Igreja em sua catolicidade e unidade. Por isso é o sacramento (ou o *mysterium*) da Igreja de Deus em Cristo, pelo fato que expressa sua natureza comunitária e manifesta o vínculo entre Cristo e a Igreja, na comunhão do Espírito. O Batismo constitui a todos os fiéis em uma comunidade sacerdotal (cf. *1 Pe* 2, 5.9). O ministério da *episkopé* nasce do Espírito Santo e a serviço da comunidade sacerdotal; serviço que consiste em manter o corpo eclesial de Cristo como unidade na diversidade, ou seja, uma comunhão. A unidade da única Igreja de Deus surge da comunhão das várias Igrejas locais (cf. *LG* 23).

Entre todas as Igrejas locais, do Oriente e do Ocidente, existe uma que tem a primazia na autoridade, no testemunho e na caridade: a Igreja local de Roma, pelo testemunho martirial dos apóstolos Pedro e Paulo. O ministério de unidade de seu bispo no seio da comunhão das Igrejas é compreendido como um serviço de caridade à Igreja, comunhão de comunhões.

### 3.3 *A recepção no Oriente cristão: Zizioulas*<sup>21</sup>

O metropolita João de Pérgamo (Zizioulas) recebe e acolhe a visão eucarística da Igreja e a introduz dentro do mistério da Trindade de onde elabora a sua grande contribuição à Eclesiologia eucarística. Num primeiro momento, elabora uma síntese cristológico-pneumatológica. Cristo é essencialmente relacional, uma pessoa comunitária (Um e muitos, simultânea e inclusivamente) porque é um ser pneumatológico. Cristo, nascido de uma mulher (cf. *Lc* 1, 35; *Gl* 4,4), é entronizado pelo Espírito (cf. *Rm*, 1 4), está cheio do Espírito (cf. *Lc* 4, 1.14; 10, 21), é ungido pelo Espírito (cf. *Lc* 4, 8; *Hb* 10, 38), é movido pelo Espírito (cf. *Hb* 1, 2), recebeu do Pai o Espírito (cf. *Hb* 2, 33) e comunica o mesmo Espírito (cf. *2 Cor* 13, 13). Assim, Cristo está constituído como realidade comunal pelo Espírito e aparece sempre como ser absolutamente relacional no Espírito.

A partir dessa síntese cristológico-pneumatológica, o representante mais convicto da Eclesiologia eucarística no Oriente explica os três grandes vínculos que se estabelecem nesta relação comunal: a) o vínculo entre Cristo e a Igreja, pois Cristo é inseparável de seu Corpo eclesial; e assim, a Igreja é instituída por Cristo e constituída pelo Espírito Santo; b) o vínculo entre a Igreja local e o restante das Igrejas locais, pois o Espírito faz de cada Igreja local uma Igreja plena e católica; mas, ao mesmo tempo, une a Igreja local em comunhão com todas as Igrejas locais; c) o vínculo entre o Bispo diocesano (o um) com o seu presbitério, os diáconos e o povo dos fiéis (os muitos) e a sua Igreja local; igualmente a relação entre o Bispo local da Igreja de Roma (o um) e os demais bispos (os muitos).

<sup>21</sup> J.D. ZIZIOULAS, La communauté eucharistique et la catholicité de l'Église. In: *Istina* 14 (1969), p. 67-88; ID., Eucharistie et Église. In: J.D. ZIZIOULAS, J.M.R. TILLARD, J.J. VON ALLMEN, *L'Eucharistie*, Paris, 1970, p. 75-236; ID., *L'être ecclésial*, Genève, 1981; ID., *Being as Communion*, Crestwood – New York, 1985; ID., La Chiesa come comunione (V Conferenza Mondiale di Fede e Costituzione, Santiago di Compostela, 03-14.08.1993). In: *Il Regno-documenti* 17 (1993), p. 531-535; ID., *L'Eucharistie, l'Évêque et l'Église durant les trois premiers siècles*, Paris, 1994 (versão francesa de sua Tese publicada em grego, Atenas, 1965). Aqui seguiremos o texto em espanhol: *La unidad de la Iglesia en la divina Eucaristía y en el Obispo durante los tres primeros siglos*, citado em J. FONTBONA I MISSÉ, *Comunión y Sinodalidad*, p. 76ss; cf. Y. SPITERIS, *La teologia ortodossa neo-greca*, Bologna, 1992, p. 370 onde diz: “In questo lavoro è già contenuta quasi tutta la futura tematica del pensiero di Zizioulas”.

Desde este princípio, nota-se que, em relação a Afanasiev, Zizioulas enraíza a unidade da primitiva Igreja local não somente na única Eucaristia daquele lugar, como também no único Bispo daquele mesmo lugar. Com o propósito de não chegar a uma identificação total e exclusiva entre Eucaristia e Igreja, ele situa a figura do Bispo ao centro e como cabeça da assembleia eucarística da Igreja local. Assim, a finalidade de sua investigação histórico-teológica consiste em ver, em primeiro lugar, se a unidade da Igreja centrada na Eucaristia e no seu Bispo tem sido uma realidade histórica e, em segundo lugar, se e como esta unidade tem-se conservado ao longo da história com as suas consequentes transformações.

Zizioulas constata que na Igreja primitiva o presidente da assembleia eucarística é proclamado desde cedo o Bispo da Igreja de Deus daquele lugar; afirma o princípio de uma única Eucaristia e de um único Bispo em cada lugar geográfico concreto, assim como que sempre existiu uma única Igreja em cada cidade. E na linha tradicional de Cipriano de Cartago, concentra a unidade na única Eucaristia e no único Bispo que constituem o critério da catolicidade da Igreja.

Esta unidade da única Igreja Católica em todo o universo (*oikoumene*), desde a metade do século II se expressa mediante a instituição sinodal ou conciliar que leva a último termo a unidade eucarística, a *koinonia*. Com efeito, sustenta que a instituição sinodal aparecia, nos três primeiros séculos da Igreja primitiva, como a forma mais acreditável da união comum (comunhão) de todas as Igrejas locais em um único Corpo eclesial. A unidade de todas as Igrejas locais dispersas em todo universo na única Igreja Católica, ele encontra, seguindo Inácio de Antioquia, na identidade mística entre Cristo e a Igreja, identidade que se expressa mediante o Bispo e a Eucaristia. Trata-se do princípio eclesiológico de Zizioulas: uma Eucaristia, um Bispo, uma Igreja; princípio que desenvolverá ao longo de seu trabalho teológico e em suas colaborações ecumênicas e que supera todo e qualquer confessionalismo e tem a sua raiz no patrimônio patrístico e teológico comum do Oriente e do Ocidente cristãos.

Pesquisando em Inácio de Antioquia, constata que este aplica a expressão Igreja *Catholica* à assembleia eucarística local que reúne todo o Povo de Deus de um território em um mesmo lugar e em torno ao seu Bispo, rodeado dos presbíteros e assistido pelos diáconos, porque, por um lado, sustenta que a catolicidade da Igreja é uma realidade escatológica que se manifesta precisamente *hic et nunc* na Eucaristia; e, por outro lado, que o Cristo histórico total se ‘encarna’ na Igreja local

mediante a Eucaristia. Em consequência, a inteira Igreja existe em sua plenitude ou catolicidade ali onde existem a Eucaristia e o Bispo, pelo fato de tanto Cristo como o Bispo estarem unidos estreitamente com a Igreja mediante a Eucaristia.

Em síntese, Zizioulas considera a Eucaristia não como um sacramento a mais, porém como aquela assembleia local que se reúne em um mesmo lugar e em torno ao seu Bispo, para oferecer a Deus Pai não somente a criação inteira, como também o Corpo de Cristo e comungar com Ele. Esta assembleia local sob a direção do Bispo é a manifestação da comunidade escatológica. E entra aqui o princípio de uma Eucaristia, de um Bispo, de uma Igreja. Por isso insiste em que exista em um mesmo lugar uma só Eucaristia sob um único Bispo porque se trata do modo mais perfeito de manifestar a Igreja como “católica” em todo o universo. E assim toda a vida da Igreja brota da única Eucaristia e em torno a esta se reúne. A partir dessa intuição eclesiológica é que se sustenta a existência de uma relação mística entre a Igreja e a Eucaristia que está sob a presidência do Bispo; define-se a Eucaristia episcopal como sinal da catolicidade, como sinal do *eschaton* e como sinal da unidade na identidade.

A Eclesiologia de comunhão ou eucarística de Zizioulas convida a colocar a unidade da Igreja na Eucaristia e no Bispo. Por isso, sugere não priorizar a Igreja local em detrimento da Igreja universal, precisamente porque ambas existem simultaneamente. À luz do mistério da Trindade e da Eucaristia, considera o mistério da Igreja. E assim, a Igreja aparece, de um lado, como *koinonia* que emana do mesmo ser de Deus Uno e Trino, mantendo sempre a origem no Pai, pois a Trindade existe como *koinonia*; e, por outro lado, existe como *koinonia* criada e significada pela Eucaristia. Desde a imagem de Inácio de Antioquia da assembleia eucarística e desde a consciência que a Igreja dos três primeiros séculos tem de ser uma comunhão, convida a redescobrir o caráter sinodal da Igreja local. E se apoia no cânon 34 dos Apóstolos<sup>22</sup> para propor a

---

<sup>22</sup> “Es necesario que los obispos de una región (ethnos) sepan quien es entre ellos el primero (prôtos) y que lo reciben como su cabeza. Nada importante deben hacer sin su asentimiento, incluso si pertenece a cada uno el tratar los asuntos de su propia diócesis y de los territorios (parroquias) que de ella dependen. Pero él (es decir, el primero) nada hará sin el asentimiento de todos los demás obispos. Así reinará la concordia y Dios será glorificado por Cristo en el Espíritu Santo”, Texto grego e francês em *SChr* 336, 284-285, citado em J. FONTBONA, La Eclesiología eucarística en Oriente y Occidente. In *Phase* 207 (1995), p. 213.

comunhão das Igrejas em torno de um *protos* (primeiro) que presida uma Igreja que seja o centro da unidade da comunhão de todas as Igrejas. Ainda, em relação ao Batismo, é a incorporação do homem, enquanto ser individual e projetado para a morte biológica, a Cristo e ao seu Corpo eclesial, para ser constituído em um ser solidário-fraterno e projetado para a vida eterna. Com isso, o Batismo enraíza o batizado para o futuro e lhe confere uma existência nova em Cristo, uma existência relacional, comunal e, assim, ele não pode viver isolado, senão em comunhão.

### 3.4 A recepção no Ocidente: Tillard<sup>23</sup>

Nos primeiros comentários aos decretos, documentos e constituições dogmáticas do Concílio Vaticano II, falou-se de profundas transformações na Eclesiologia e de uma nova consciência ou de uma nova imagem de Igreja. E, sem dúvida, pode-se afirmar que o Vaticano II legou para o final do segundo milênio uma Eclesiologia profundamente renovada, tanto no que se refere ao método como também ao conteúdo. Aborda com decisão aspectos fundamentais da teologia da Igreja, como sua origem trinitária, sua índole mística ou carismática, o sacerdócio universal do fiéis, a colegialidade e a corresponsabilidade, a importância da Igreja particular (local), o reconhecimento das Igrejas cristãs não católicas, a relação com o mundo contemporâneo.

Pode-se, legitimamente, falar de uma nova Eclesiologia nascida no Concílio, sempre quando se entende esta novidade não como ruptura com o passado, nem como uma mera integração quantitativa da revelação que nos foi dada em Cristo, porém, enquanto entendida como acentos, opções e perspectivas. Como fruto da nova interrogação às fontes bíblicas, patrísticas e litúrgicas, a Igreja no Concílio as (re)descobriu e (re)viveu, ainda que as possuísse desde sempre, mas esquecidas ou substituídas no tempo de sua história. Efetivamente, o Vaticano II foi um Concílio da Igreja porque este tem sido o seu tema central: uma Igreja

---

<sup>23</sup> Dentre a quantidade bibliográfica, especialmente: J-M.R. TILLARD, *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, Neuchâtel, 1964; ID., *L'évêque de Rome*, Paris, 1982; ID., *Église d'Églises. L'ecclésiologie de communion*, Paris, 1987; ID., *Chair de l'Église, chair du Christ. Aux sources de l'ecclésiologie de communion*, Paris, 1992; ID., *L'Église locale. Ecclésiologie de communion et catholicité*, Paris, 1995. Sobre tudo faço uso do trabalho de Doutorado, cf. P.A. KUNRATH, *Trindade-Eucaristia-Igreja. O Mistério da Comunhão nos escritos de Max Thurian e Jean-Marie Roger Tillard* (Excerpta ex Dissertatione ad Doctoratum in Facultate Theologiae apud Pontificiam Universitatem Gregorianam), Roma, 1999.

que olha a si mesma para conhecer mais profundamente sua natureza e o desígnio do Senhor sobre ela; mas que dirige o seu olhar também para o mundo que deve ser evangelizado e as pessoas que desejam ser salvas. Por certo, a inovação de maior transcendência do Vaticano II para a Eclesiologia e para a vida da Igreja tem sido a centralização da teologia do Mistério da Igreja na noção de Comunhão.<sup>24</sup>

Em seus decretos e, de modo particular, na Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen gentium*, desenvolveu-se o tema da Igreja-comunhão em sua dupla dimensão: comunhão de vida do homem com o Pai, mediante Cristo e no Espírito Santo; e comunhão dos homens entre si na família humana e na família dos filhos de Deus, onde a primeira dimensão é o fundamento da segunda. A comunhão eclesial tem suas raízes na própria realidade do mistério da Igreja e sua manifestação social na vida da comunidade local, que tem diversas formas de realização. Tanto em sua universalidade, como em comunhão com as diversas Igrejas particulares, a Igreja é uma comunhão, pois cada Igreja particular ou local não pode pensar-se como uma mera soma de fiéis, assim como a Igreja universal não é a mera soma das Igrejas particulares. Nesta perspectiva da comunhão, a Eclesiologia do Vaticano II enriqueceu-se com os elementos do conceito original de *koinonia*.<sup>25</sup>

A partir do Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985, por ocasião da celebração dos vinte anos da conclusão do Concílio Vaticano II (1962-1965), pode-se evidenciar uma nova etapa na pesquisa teológica da *koinonia-communio*, pois a Eclesiologia de Comunhão é considerada, sem dúvida, como “a ideia central e fundamental nos documentos do Concílio”.<sup>26</sup> E sob a onda desta tomada de consciência, a *koinonia-communio* é usada sempre mais como a categoria-chave da Eclesiologia

<sup>24</sup> Algumas considerações sobre a noção de Eclesiologia de Comunhão: “La innovación del Vaticano II de mayor transcendencia para la Eclesiología y la vida de la Iglesia ha sido el haber centrado la teología del misterio de la Iglesia sobre la noción de comunión”, cf. A. ANTÓN, *Primado y colegialidad*, Madrid, 1970, p. 34; “Una de las ideas fundamentales de la eclesiología del Concilio, la idea fundamental más bien, es la de comunión [...] Los textos conciliares y su eclesiología de comunión en modo alguno están superadas. Podría incluso decirse que su recepción no ha hecho más que comenzar”, cf. W. KASPER, *La Iglesia como comunión*. In *Communio* 1 (1991), p. 51-52; G.L.B. HACKMANN, *Eclesiologia de Comunhão: ameaça ou perspectiva para a Igreja?*. In: *Teocomunicação* 102 (1993), p. 499-508.

<sup>25</sup> Cf. P. BORI, *Koinonia. L'idea della comunione nell'ecclesiologia recente e nel Nuovo Testamento*, Brescia, 1972.

<sup>26</sup> SÍNODO DOS BISPOS, *Relatio Finalis* II, C. 1.

católica. E o autor mais representativo desta orientação é, certamente, Jean-Marie Roger Tillard.

A obra teológica de Tillard, inspirada na perspectiva apresentada pelo Vaticano II, torna-se peculiar quando mostra o vínculo essencial que existe entre Eucaristia e Igreja:<sup>27</sup> a Igreja é tão absolutamente eucarística na profundidade de seu ser como a Eucaristia é tão absolutamente eclesial. Colocado este vínculo, expõe dois grandes princípios, desenvolvidos já em seus primeiros escritos, que o corpo eucarístico de Cristo é precisamente seu corpo pneumático e que o efeito da Eucaristia é precisamente a Igreja, o Corpo eclesial de Cristo.<sup>28</sup> Enraíza sua exposição de uma Eclesiologia de comunhão na Escritura e na Patrística grega e latina,<sup>29</sup> tanto que, juntamente com a Tradição do tempo da Igreja indivisa, até a divisão de Calcedônia (451), são os seus critérios hermenêuticos, descobrindo que tudo surge do mesmo desígnio divino do mistério do Deus Triuno (cf. *Ef* 3, 6); e com isso ele se situa entre os teólogos católicos romanos que recuperam o antigo princípio de que a Eucaristia faz a Igreja.

A raiz da Eclesiologia (eucarística) de comunhão é a Trindade santa, tanto em sua ação *ad intra*, ou seja, a comunhão das três Pessoas divinas, como também em sua ação *ad extra*: a comunhão é dom do Pai, é unidade em um só Corpo e no único sacrifício do Filho, e é fruto da ação do Espírito Santo. Esta comunhão que brota da Trindade é vida que se manifesta na Igreja de Deus em um lugar concreto e, ao mesmo tempo, na comunhão de todas as Igrejas locais espalhadas por todo o mundo. A fonte da Igreja de Deus é, pois, a eterna comunhão do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

A comunhão eclesial que surge da comunhão da vida trinitária de Deus se visibiliza na comunhão fraterna da Igreja local que é, principalmente, uma fraternidade serviçal, martirial e missionária, o que implica que, diante de Deus, está aberta ao mundo e às demais Igrejas locais. Por outro lado, esta comunhão se manifesta na sinodalidade

<sup>27</sup> Além da bibliografia já citada em seus escritos mais volumosos, pode-se ainda conferir: J-M.R. TILLARD, *L'Eucaristia e la Chiesa*. In: L. RENWART al., *Eucaristia: aspetti e problemi dopo il Vaticano II*, Assisi, 1968, p. 57-86; ID., *L'Eucaristia sacramento della Chiesa comunione*. In: B. LAURET, F. REFOULÉ, ed., *Iniziazione alla pratica teologica*, III, Brescia, 1986, p. 450-475.

<sup>28</sup> J-M.R. TILLARD, *L'Eucharistie, sacrement de l'espérance ecclésiale*. In: *Nouvelle Revue Théologique* 83 (1961), p. 561-592; 673-695.

<sup>29</sup> Cf. B. FORTE, *La Chiesa nell'Eucaristia*, p. 38-42.

(conciliaridade) que não expressa somente a comunhão das Igrejas locais, mas também que a única Igreja de Deus em Cristo é comunhão de comunhões.<sup>30</sup> E assim, a *koinonia* eclesial é muito mais que o fruto ou o resultado do desígnio eterno de Deus, ela é a associação à mesma *koinonia* trinitária, a eterna relação de comunhão do Pai e do Filho (cf. *1 Jo* 1, 3). E a origem teológica da Igreja local possui a sua raiz na Eucaristia e no Evangelho de Deus que se faz ‘carne’ no tecido da humanidade que ela está chamada a servir para a glória de Deus e a salvação dos homens.

A Eclesiologia de comunhão de Tillard se fundamenta na osmose existente entre Eucaristia e Igreja. Esta osmose nasce da intuição paulina da correspondência misteriosa entre o corpo dado e entregue na cruz e perpetuada na mesa eucarística e o corpo eclesial do Senhor; e esta osmose representa a raiz fundante com a Igreja da origem e que estende o seu fio essencial de unidade entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente, pois, depois de Pentecostes, Cristo é impensável sem seu Corpo: a Igreja – a carne da Igreja é a carne de Cristo (cf. *Ef* 5, 21-32), ou melhor ainda, a Igreja é uma só carne com Cristo.<sup>31</sup>

Para perceber e entender a Eclesiologia de comunhão em sua profundidade, deve-se sempre partir do acontecimento ápice da vida da Igreja visível que é precisamente a Eucaristia da Igreja local em torno ao seu Bispo com o presbitério, com os diáconos e os demais fiéis leigos. E é assim que se faz notável a reunião dos *muitos* no *um*; pois se trata da *koinonia* radicada na Trindade que significa e estabelece uma relação vital de fraternidade entre todos os que participam da mesma Eucaristia.

Nenhuma Igreja local existe como tal se não está na *koinonia* de todas as Igrejas locais. A Igreja de Deus é, pois, a *koinonia* das Igrejas locais que se reconhecem umas às outras como a Igreja de Deus. Reconhecer-se mutuamente implica considerar-se em sintonia com a Igreja Apostólica ou reconhecer nas outras a Igreja de Deus, a *Catholica*. Assim, a comunhão com a Igreja dos Apóstolos abre um marco no espaço-tempo, visto que une *hic et nunc* a todas as Igrejas locais entre elas e com a Igreja de Jerusalém, a do passado e a do futuro.

<sup>30</sup> J-M.R. TILLARD, *Iglesia de Iglesias. Eclesiología de Comuni3n*, Salamanca, 1991, p. 40-43.

<sup>31</sup> J-M.R. TILLARD, *Carne le la Iglesia, carne de Cristo. En las fuentes de la Eclesiología de Comuni3n*, Salamanca, 1994, p. 20-21.

A função da Igreja local de Roma e de seu Bispo deve ser entendida também nesta perspectiva, pois ela se apresenta, então, como um ministério de reconhecimento. Sua tarefa principal consiste em garantir o reconhecimento mútuo das Igrejas e fundamentalmente a manutenção da origem da Igreja de Pentecostes em cada uma delas. Assim, torna-se a guardiã da comunhão, uma comunhão que se realiza em e mediante as Igrejas locais, não mediante alguma autoridade que as transcenda: a comunhão não se faz em torno a Roma, senão graças a Roma.<sup>32</sup>

Tillard busca também a face genuína da singularidade primacial e de testemunho do Bispo de Roma, porém não na pessoa do Papa como tal (não existe um sacramento do papado ou da primazia papal), nem em sua infalibilidade pessoal, senão em sua Igreja local, a sede fundada sobre o martírio dos apóstolos Pedro e Paulo. O Bispo de Roma, como Papa, não recebe outro sacramento distinto do episcopado e não se lhe confia uma diocese de extensão universal. Ele coloca-se diante de uma sede, a Igreja de Roma, que tem um privilégio e uma missão: ser testemunha eminente da fé apostólica e juiz e foco da comunhão entre as Igrejas. O Sínodo dos Bispos e as Conferências Episcopais nascem dentro desse dinamismo e também estão ao seu serviço. A autoridade do Bispo de Roma está radicada na *conspiratio in unum* de todas as Igrejas locais (cf. *LG* 23) e na *synergia*, entendida como sinfonia de carismas e funções, ou como comunhão de energias dos *munera* que se reconhecem uns aos outros pela ordenação episcopal e sobre os quais vigia (cuida) o Bispo de Roma pela missão recebida do Senhor. O Bispo de Roma (o um) é inseparável de todos os demais bispos (os muitos) que se incluem e se requerem simultaneamente.

A unidade da Igreja Católica realiza no tempo o desígnio de “recolher o Israel de Deus” definitivo, que foi a causa da vida de Jesus de Nazaré e o fruto da reconciliação que Ele ofereceu à humanidade em seu Mistério Pascal. E a Igreja, como comunhão de Igrejas, deve expressar de modo visível a unidade que constitui. O Colégio dos Bispos exige igualmente um centro de unidade que expresse e garanta a comunhão e, nesse caso, comunhão hierárquica. O primado da Igreja de Roma, considerada como centro e critério da unidade católica, está testemunhado desde

---

<sup>32</sup> Cf. J-M.R. TILLARD, Respuesta a la conferencia de Joseph A. Komonchak: La Iglesia local y la Iglesia católica. La problemática teológica contemporánea. In: H. LEGRAND al., *Iglesias Locales y catolicidad* (Actas del Coloquio Internacional celebrado en Salamanca, 2-7 abril de 1991), Salamanca, 1992, p. 593-601.

os tempos mais antigos. A apostolicidade, indiscutível e singular da origem da sede romana, é também o fundamento da função primacial de seu bispo, pois, ao sentar-se na cátedra dessa Igreja, o Bispo de Roma recebe sua autoridade que se transmite com a mesma sucessão episcopal na continuidade ininterrupta com os apóstolos. Segundo Tillard, evita-se assim a impressão de que o titular da sede romana seja uma espécie de delegado da Igreja universal e não seja visto como bispo de uma Igreja local, a de Roma, que como legítimo titular, por vontade de Cristo, sucede a Pedro no seu poder de pastor supremo da Igreja universal.

Disso resulta o seu serviço à comunhão. Esse ministério, o Papa possui enquanto pessoa concreta; porém não deve ser separado de sua condição de Bispo de Roma e não deve ser separado da sede que ocupa; pois a apostolicidade peculiar da Igreja de Roma, singular e de valor indiscutível, deve ser integrada na sua função primacial: o é enquanto Bispo de Roma e, como Papa, o é enquanto instituído no ministério universal de unidade. Ao ser a autoridade máxima da Igreja, deve expressá-lo de modo mais visível na dimensão do serviço inerente a todo ministério eclesial. Neste caso, isto é exigido especialmente por ser um testemunho de humilde serviço à comunhão fraternal, na caridade e na verdade, promovendo os encontros, as visitas e os contatos pessoais com as outras Igrejas locais, com os seus ministros e as testemunhas fiéis da fé católica (cf. *Pastor eternus*, DS 3050; LG 18-19).

Resumido num ponto global o sentido e o alcance do ministério do Bispo de Roma no interior da *Communio Ecclesiarum*, pode-se dizer que o seu ministério, de tamanha responsabilidade, deve harmonizar-se de modo mais significativo na sua dimensão *pessoal*: o primado que exerce uma pessoa concreta; a dimensão *colegial*, enquanto se integra em colaboração com os outros bispos e seus colaboradores; e a dimensão *comunitária*, enquanto inserida no dinamismo sinodal da comunhão e da participação de todos: bispos, presbíteros, religiosos e fiéis leigos.

E a Eucaristia? Em um sentido geral, prevalece e ideia de que a comunidade eclesial é fruto do mistério eucarístico, porque o corpo e o sangue do Senhor são a fonte de onde nasce a Igreja como Corpo de Cristo. E se isto é bem compreendido, pode-se falar de que a Eucaristia faz a Igreja. Porém, não é possível esquecer que ao mesmo tempo a Igreja, como Corpo de Cristo, é geradora, princípio e fonte da Eucaristia por ser o sacramento primordial que dá sustento e base a toda celebração

e a toda realidade sacramental.<sup>33</sup> A comunidade eclesial em seu todo é o lugar onde nasce e se administram os sacramentos, que são por sua vez sacramentos de Cristo e de sua Igreja, e em especial o sacramento da Eucaristia, “fonte e ápice da vida cristã e da evangelização” (SC 10; PO 5). Esta relação entre Eucaristia e Igreja é tão íntima e profunda que nem a Eucaristia poderia existir sem a Igreja, como também não pode existir a Igreja sem a Eucaristia.<sup>34</sup> A reciprocidade Eucaristia-Igreja articula a relação das duas dimensões: a vertical e a horizontal. Na antiguidade cristã, *koinonia* designava de modo inseparável a comunhão no corpo do Senhor na ceia eucarística e a vinculação eclesial, em uma concreta comunidade humana. A Igreja como mistério da comunhão se faz presente e se realiza na assembleia litúrgica. Nela, a unidade do Povo de Deus, fundada na consagração batismal, animada e fortalecida pela graça do Espírito Santo, se manifesta como participação de todos e de cada um na medida do dom recebido.

A Igreja é geradora da Eucaristia desde sua própria realidade original, assim como a celebração litúrgica é geradora do encontro salvífico entre Deus e o homem, em Cristo. E a comunhão deve ser primeiramente comunhão eclesial para que possa ser comunhão sacramental-eucarística. Porém, também é fundamental afirmar que a Eucaristia é geradora da Igreja-mistério, que nasce e se desenvolve a partir do mistério eucarístico como fonte de comunhão e de comunidade. É na Eucaristia que os fiéis se tornam Corpo de Cristo ao participarem de seu corpo e sangue, uma vez já incorporados a ele pelo sacramento do Batismo. E neste duplo dinamismo, que vai da Igreja à Eucaristia e da Eucaristia à Igreja (ou do Corpo eclesial ao Corpo eucarístico e vice-versa), a celebração eucarística torna-se sinal e fermento da Igreja-mistério, pois ela manifesta e revela a essência própria da Igreja: ser comunhão.<sup>35</sup>

A Eclesiologia de Comunhão de Tillard convida a mostrar suas próprias fontes na Tradição da Igreja indivisa, comum ao Oriente e

<sup>33</sup> Se a Eucaristia faz a Igreja, é também verdade que a Igreja faz a Eucaristia. Já o dizia De Lubac quando estabelece esta dupla relação, cf. H. DE LUBAC, *Méditation sur l'Église*, Paris, 1953, p. 123-137.

<sup>34</sup> J-M.R. TILLARD, *L'Eucaristia e la Chiesa*, p. 57-86.

<sup>35</sup> *L'Eucaristia costruisce dunque la Chiesa dandole la sua essenza di Corpo de Cristo (per il contatto reale, quantunque sacramentale, della totalità dei credenti alla totalità del Signore glorificato) e inseparabilmente con tutto ciò, rendendola partecipe, al suo stesso livello, della sovranità di Gesù*, J-M.R. TILLARD, op. cit., p. 72.

ao Ocidente cristão, para assim descobrir que emanam de uma visão trinitária e eucarística do mistério da Igreja de Deus, onde esta aparece como *koinonia*, comunhão com a Trindade e com a humanidade, Comunhão de comunhões, Igreja de Igrejas.<sup>36</sup> Por isso exorta a descobrir a natureza da Igreja de Deus em sua raiz, a Trindade, e em seu fruto, a comunhão eclesial, que nasce da assembleia eucarística da Igreja local, manifestação da sinodalidade: o Bispo local preside rodeado de seu presbitério, assistido pelos diáconos e junto com o povo cristão daquele lugar. E recorda que a carne da Igreja é a carne de Cristo. E somente uma Eclesiologia de Comunhão permitirá reatar com a época de graça da Igreja indivisa;<sup>37</sup> e assim, de Eucaristia em Eucaristia, a Igreja cumpre a sua Páscoa no caminho peregrinante em vista da posse do Reino definitivo.<sup>38</sup>

### 3.5 *Síntese entre Zizioulas e Tillard*

Zizioulas e Tillard partilham uma profunda convicção de que a Eclesiologia de Comunhão responde perfeitamente aos dados bíblicos e às grandes tradições eclesiais. Assim, a raiz da Eclesiologia de Comunhão está na herança bíblico-patristica, comum ao Oriente e ao Ocidente cristão; e esta seiva que circula nela é uma síntese entre Cristologia e Pneumatologia, seiva que surge da *koinonia* eucarística onde Cristo e o Espírito aparecem numa contínua osmose. E a Igreja de Deus, em uma porção da humanidade e num lugar concreto, é a comunhão daqueles que o Espírito une no único Corpo do Senhor e que manifestam sua unidade na Eucaristia e em torno ao seu Bispo.

Uma síntese da Eclesiologia (eucarística) de Comunhão de Zizioulas e Tillard deve ressaltar tanto sua raiz no mistério de Deus Uno e Trino, como seu fruto na comunhão eucarística. A Eucaristia

<sup>36</sup> J-M.R. TILLARD, *Église d'Églises*, p. 47-52.

<sup>37</sup> J-M.R. TILLARD, *L'Église de Dieu est une communion*. In: *Irénikon* 53 (1980), p. 451-468.

<sup>38</sup> J-M.R. TILLARD, *L'Eucharistie. Pâque de l'Église*, p. 227-240. Tudo o que o autor refletiu e escreveu em suas páginas, é um protagonismo ou uma profecia? Como pioneiro na Teologia Católico-Romana a abordar teologicamente temas tão amplos que se resumem sobretudo na sua Eclesiologia de Comunhão, é um protagonista; e como participante oficial da mesma Igreja Católica Romana, nos amplos diálogos ecumênicos das diversas Igrejas cristãs históricas, é um profeta. E como normalmente ousa acontecer, são entendidos e aceitos somente muito tempo depois e, talvez, tarde demais. Cf. L. SARTORI, *Un protagonista di teologia ecumenica: J.M.R. Tillard*. In: *Credere Oggi* 103 (1998), p. 119-127.

cria um dinamismo comunitário que constitui a Igreja em uma *koinonia* e a configura sinodalmente. Sem dúvidas, a Igreja ainda não vive sinodalmente e não é plenamente uma comunhão, porém, enquanto ícone do Reino, já reflete sua *koinonia* plena e a manifesta sacramentalmente no mundo. Este fato peculiar da Ecclesiológia de Comunhão não impede descobrir que, nos pontos ecclesiológicos comuns já assinalados, surge a figura de um triângulo equilátero. Toda a figura encarna a Igreja em sua unidade e catolicidade e os três lados iguais designam, respectivamente, o *lugar* onde está encravada a carne da humanidade, capaz de acolher o Evangelho de Deus, o *Bispo* do respectivo lugar e a *Eucaristia* que ali se celebra. Assim, uma proposta que se apoie na Ecclesiológia de Comunhão, comum a Zizioulas e Tillard, deve ter em conta a respectiva peculiaridade e igualdade da Eucaristia, do Bispo e do lugar.

Estes três lados iguais do triângulo dão uma configuração singular à Igreja local, impedindo que se isole, pois a constituem uma e católica. Isso pressupõe que uma Igreja local, ainda que contenha a plenitude da Igreja de Deus, não é toda a Igreja de Deus, pois esta é uma comunhão de Igrejas. Esta convicção articula cada Igreja local com o resto das Igrejas locais e concebe a singularidade da Igreja de Roma como um serviço à unidade e à comunhão de todas as Igrejas. E esta convicção ecclesiológica comum propõe uma recepção ecumênica do ministério do Bispo de Roma no seio de uma comunhão do Oriente e do Ocidente cristão.

A comunhão surgida da Eucaristia manifesta o vínculo entre Cristo e a Igreja. A que surge do Batismo expressa a unidade entre todos os cristãos e indica uma pertença à única Igreja de Deus em Cristo ao qual são incorporados pelo mesmo Batismo; a que surge do Ministério ordenado significa a catolicidade e a unidade da Igreja no espaço-tempo, pois o Bispo conecta sua Igreja com a de Pentecostes e com a comunhão de todas as Igrejas dispersas em todo o mundo. A *koinonia* comunicada pelos sacramentos emana de um único manancial: o Espírito Santo, o princípio vivificante da Igreja de Deus em Cristo. E o conceito paulino de Corpo de Cristo ajuda a ver a Igreja como *koinonia*, pois expressa a realidade de um corpo composto de membros unidos entre si e de comunidades unidas entre elas. A Igreja é, portanto, uma comunhão fraterna e uma Comunhão de comunhões: Igreja de Igrejas.

Porém, seguindo a percepção de Afanasiev, em Zizioulas e Tillard encontramos alguns limites ecclesiológicos: o eucaristicomonismo,

o episcopomonismo e o topomonismo.<sup>39</sup> O *eucaristicomonimo* é a tendência eclesiológica que radica sua visão da Igreja de Deus em uma só e única (*monos*) Eucaristia; é a radicalização da Eclesiologia eucarística de Afanasiev na medida em que isola a Eucaristia dos demais sacramentos, especialmente do Batismo e na medida em que omite a importância da Palavra de Deus na convocação e na constituição da Igreja local. Pois a Eucaristia parte do processo iniciado no Batismo e na Confirmação e não deve isolar-se dos sacramentos que a precedem, nem tampouco do Ministério ordenado que a faz verdadeira e a conecta com a Igreja de Pentecostes e com a comunhão de todas as Igrejas espalhadas por todo o *oikoumene*.

O *episcopomonismo* tende a centralizar a concepção da Igreja local em um só e único (*monos*) Bispo, rodeado de todos os presbíteros e assistido pelos diáconos e situado frente aos fiéis de um respectivo lugar. Esta tendência assume a situação eclesiológica pré-nicena, cuja característica principal é a coincidência da assembleia eucarística local com a Igreja episcopal. E esta propõe, segundo um esquema de origem causal, a subordinação do presbiterado e do diaconado ao episcopado que possui a plenitude do sacerdócio ministerial; isso leva a pensar o ministério episcopal como a única fonte sacramental dos outros ministérios aos quais comunica uma participação de sua plenitude ministerial.

O *topomonismo* é a tendência que exagera a magnitude do lugar (*topos*), visto como espaço geográfico e cultural na compreensão da Igreja de Deus, pois, como visto, sempre existe como Igreja de um determinado lugar. E esta tendência tende a ver a Igreja de Deus somente e unicamente (*monos*) a partir do fato de que existe como Igreja local; tendência aplicável também à paróquia, na medida em que esta se converte em uma entidade isolada da Diocese. O Evangelho de Deus fala todas as línguas e por isso se localiza em um determinado lugar, mas nem por isso deixa de ser católico, no sentido que expressa a plenitude e a totalidade da Palavra de Deus feita carne em Jesus de Nazaré.

---

<sup>39</sup> A. MAFFEIS, La Chiesa locale e l'Eucaristia. L'eclesiologia eucaristica nella teologia ortodossa contemporanea. In: *La parrocchia come Chiesa locale*, Brescia, 1993, p. 149-180; J. ZIZIOLAS, La Chiesa come comunione (V Conferenza Mondiale di Fede e Costituzione, Santiago di Compostela, 03-14.08.1993). In: *Il Regno-documenti* 17 (1993), p. 531-535; J.A. KOMONCHAK, La Iglesia local y la Iglesia católica. La problemática teológica contemporánea. In: H. LEGRAND al., *Iglesias locales y catolicidad* (Actas del Coloquio Internacional celebrado en Salamanca, 2-7 de abril de 1991), Salamanca, 1992, p. 559-591; J.M-R. TILLARD, Respuesta a la conferencia del Prof. Joseph A. Komonchak. In: ID., p. 593-601.

A Igreja peregrinante não se identifica com o Reino de Deus, porém a *koinonia* que será plenamente revelada no Reino definitivo já se manifesta na Igreja que, em sua existência histórica, embora seja seu sinal e sacramento no mundo, deve esforçar-se em modelar-se e configurar-se cada vez mais a esta comunhão. E aqui e agora, a Eucaristia já é a manifestação por excelência da *koinonia* do Reino presente e atuante na Igreja de Deus e no mundo.

No diálogo ecumênico, a *koinonia* é ainda uma ideia em busca de convergência para um consenso que situe todos os batizados no caminho em vista da plenitude de vida de comunhão com Deus (comunhão vertical) e em vista de uma comunhão de vida com os demais seres humanos (comunhão horizontal). E, precisamente, o desígnio de Deus oferecido à humanidade se faz vida na celebração da Eucaristia a qual se converte em um foco de luz na Igreja, na criação e entre os necessitados da terra: a Eucaristia é o foco de onde irradia a *missão*, sendo com a Trindade e a Igreja, ao mesmo tempo, *mistério* e *comunhão*.

## Conclusão

A Eucaristia é vida. A sua celebração está no centro da existência cristã, para uma Igreja que da Eucaristia toma a sua direção para ser no mundo o sacramento universal de salvação. Se a Eucaristia faz a Igreja, é aqui que temos a máxima experiência da comunhão com Cristo e com a humanidade. A Eucaristia revela a Igreja, como humanidade nova, renovada e reconciliada por Cristo e pelo Espírito. O empenho em viver segundo o Evangelho proclamado é o sinal de uma humanidade evangélica. E a mesma assembleia eucarística oferece um rosto humano de uma Igreja de irmãos unidos na variedade de pessoas, de idades, de raças e de condições sociais; são valorizadas as pessoas e chamadas a uma conversão do coração na mútua caridade. A acolhida, o sinal de reconciliação e de paz, o canto que une, o sentido da festa, o apelo ao empenho social e fraterno, a apresentação dos dons da terra e do trabalho humano, a partilha dos bens são, por sua vez, sinais de uma plenitude e de maturidade da humanidade. Viver como se celebra, viver o que se celebra permanece as lições de vida a cada dia no dom renovado da Eucaristia.

Recebido em: 05/03/2011.

Avaliado em: 12/03/2011.